



DENGUE NA IMPRENSA LOCAL: UMA DOENÇA EM NOTÍCIA

Talita Rafaela Joana Cerqueira Romano¹; Ana Paula Machado Velho²

RESUMO: O presente trabalho refere-se à análise de conteúdo das reportagens sobre Dengue na Mídia local, para determinar o nível de eficiência, ou seja, os níveis de responsabilização da população em relação à epidemia procura-se analisar como ela reproduz essas informações sobre saúde e a doença. O problema da pesquisa proposto foi será que as reportagens da mídia local estão contribuindo com o movimento de responsabilizar a sociedade na luta contra a Dengue ou as reportagens só reproduzem as informações sobre o panorama da epidemia da doença em Maringá? As hipóteses previamente levantadas foram que as reportagens divulgadas na imprensa local não estão sendo efetivas para mobilizar a população na luta conta a doença. A metodologia vai ser a análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Epidemia; Mídia; Análise de Conteúdo; Maringá.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade houve um deslocamento da política de seus lugares tradicionais, os partidos para o universo midiático Canclini (1998). Todas as expressões culturais “da pior a melhor, da mais elitista a mais popular, vem juntos nesse universo digital que liga, em um super texto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa, com isso elas constroem um novo ambiente simbólico” (CASTELLS, 1999, p.394).

Neste contexto, Sodré (1996, p.133) defende que “a notícia gera um tipo de unidade narrativa que segundo se presume, tranquiliza a consciência do individuo inseguro em face da dispersão humana na grande cidade da visibilidade dos acontecimentos”.

Enfim, o sistema de comunicação midiática é indissociável da paisagem da sociedade contemporânea e profundamente responsável por forjar novas formas de perceber o mundo e nos relacionarmos com ele (OLIVEIRA). Por isso, falar em saúde na mídia é uma maneira da forjar estratégias que levem o sujeito a adquirir ferramentas que o ajudem a melhorar sua qualidade de vida. Essa ferramenta é a informação e é uma das principais estratégias do conceito de Promoção da Saúde.

Esta proposta surge a partir do fato de que, a cada dia, fica mais claro que a saúde tem muitas dimensões, todas decorrentes das complexas relações entre os aspectos físicos, psicológicos e sociais da natureza humana. A medicina e o sistema de tratamento das enfermidades não dão conta de promover uma melhor qualidade de vida ao indivíduo, mesmo com avanços fenomenais no desenvolvimento de técnicas ultrassofisticadas e medicamentos para as mais diferentes patologias. Em outras palavras, a saúde do ser humano está mais ligada ao comportamento, à alimentação e às condições e à natureza

¹ Acadêmica do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá - Paraná. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UniCesumar (PROBIC). joana.c.romano@gmail.com

² Orientadora, Doutora, Docente do Curso de Jornalismo e do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde e do Programa de Gestão do Conhecimento do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR.ana.velho@unicesumar.edu.br



do ambiente em que o indivíduo está inserido; isto é, as causas da crise na saúde estão fortemente ligadas à crise de natureza social e cultural (VELHO, 2012).

As discussões em torno destas questões vão redundar na disseminação da área de promoção da saúde, que prega a importância de se instrumentalizar o indivíduo com informações, para que ele possa ser peça mais atuante na própria qualidade de vida.

Essa nova filosofia se fortalece no Brasil no período da década de 80, quando os movimentos sociais renascem com muita força, na tentativa de minimizar o custo social do período militar no país. É nesse momento que o jornalismo ganha novo peso na sociedade e o próprio Estado age em favor de mudanças na área social, que são ratificadas com a promulgação de uma nova Constituição. Esta nova Carta Magna contém o desenho do Sistema Único de Saúde que, em sua essência, visa implementar um novo modelo de política de saúde pública, no qual a disseminação de informação é fundamental (VELHO, 2012).

Para criar um ambiente propício ao desenvolvimento desse novo referencial, surge a Comunicação em Saúde. Esta se estabelece não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informações, pois se reconhece que a informação não é suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno e com utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde.

No entanto, observa-se que, apesar das inúmeras reportagens e mensagens em torno da luta contra o mosquito *Aedes aegypti* boa parte da população ainda é insensível à adoção de medidas que possam conter o vetor e a disseminação da dengue. A cidade de Maringá, no Noroeste do estado do Paraná, vem sendo palco de uma grande epidemia da doença. O poder público age diariamente disseminando informações que podem contribuir para a queda dos casos, assim como a imprensa, mas o registro da enfermidade continua a assustar as autoridades de saúde e a população em geral.

Aliás, esse é um problema antigo. Maringá foi uma das cidades que mais sofreram no Estado com a epidemia de dengue que assolou o país, em 2007. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde, 5.680 casos foram confirmados naquela época. Em 2013, mais 11 municípios do Noroeste do Paraná registraram epidemia de dengue. Vários da abrangência da Amusep, como Doutor Camargo, Diamante do Norte, Loanda, Paiçandu, Santo Inácio e Uniflor. Ao todo, 46 municípios estão em estado epidêmico no Paraná – estes somam 80% do número total de casos confirmados no estado. Todas as mortes registradas por dengue no Paraná, de agosto de 2012 até abril de 2013 ocorreram Noroeste do estado. Foram sete mortos por conta da doença em Campo Mourão, um em Paranavaí e um em Maringá. O município paranaense que mais registrou casos de dengue desde agosto do ano passado é Paranavaí, com 6.950 casos, cidade vizinha de Maringá.

O combate do *Aedes aegypti* é a única estratégia viável de controle da dengue, pois ainda não existe vacina para a doença. “O mecanismo de produção da doença requer a adoção de políticas integradas entre diversos setores e não apenas da saúde. Para tal deve se mobilizar a academia e os técnicos dos serviços de saúde para a formulação de estratégias inovadoras e inteligentes no combate ao vetor, adaptadas a nossa realidade” (MEDRONHO, 2014, p.????). Neste contexto, também é necessário a intervenção da comunidade sobre as áreas onde vivem

Diante disso, esta pesquisa quer saber se as reportagens impressas do jornal estão sendo eficazes para responsabilizar os cidadãos sobre a necessidade de agir



contra o *Aedes aegypti* e contribuir com a prevenção desta doença. Os jornais só repetem em suas páginas as mensagens oficiais ou estão cumprindo seu papel social de levar informação à sociedade de forma a transformá-la? Afinal, nos dias de hoje, em que os processos de comunicação em rede aproximam o jornalista do seu público, mais que informar por meio do texto, este profissional precisa se inserir no processo social, atuar como agente de transformação dos temas que ele sugere discutir com seu público. Deve retomar a sua posição dos tempos do iluminismo e se tornar um agente que possa habilitar o cidadão a mudar as condições de vida.

Isso leva à seguinte questão: as reportagens da mídia impressa local estão contribuindo com o movimento de responsabilizar a sociedade na luta contra a dengue ou só reproduzem as informações sobre o panorama da epidemia da doença em Maringá?

O objetivo da pesquisa é entender a abordagem da mídia impressa de Maringá em relação à epidemia de dengue no município, por meio da análise de conteúdo das matérias sobre dengue publicadas no jornal O Diário.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste estudo, adotar-se-á a Análise de Conteúdo como método de pesquisa, de acordo com o conceito do teórico Klaus Krippendorff (1990, p.105-106), que apresenta um esboço dos passos para uma análise de conteúdo: 1. Formular uma hipótese ou questão para a pesquisa; 2. Definir a população em questão; 3. Selecionar uma amostra adequada; 4. Selecionar e definir as unidades de análise; 5. Construir as categorias do conteúdo a ser analisado; 6. Estabelecer um sistema de quantificação; 7. Codificar o conteúdo de acordo com as definições estabelecidas; 9. Analisar os dados coletados; 10. Estabelecer conclusões e pesquisar indicações.

Nessa perspectiva, o problema de pesquisa proposto é investigar em que nível o jornal O Diário constrói as reportagens sobre o tema dengue? Como visto, delimitou-se o assunto dengue e como corpus O Diário. O tema será pesquisado em todas as páginas dos jornais, exceto os cadernos de classificados. O período estabelecido foram os meses de fevereiro, março e abril de 2014, visto que foram os meses de mais casos da doença este ano.

Para organizar os dados, será elaborado um formulário para contemplar as peculiaridades desta pesquisa. Em princípio, pensa-se em adotar o seguinte modelo, adaptado da pesquisa Marcolino, Gonçalves e Sacht (2007):

Categorias administrativas: gênero e formato jornalísticos; editoria; assinatura ou seja, assinatura do autor da matéria; presença de ilustrações.

Categorias do conteúdo: linguagem (técnica/científica ou simples); caráter educativo do texto; abordagem do tema (dá pouco enfoque à mobilização social e à mudança de comportamento, dá muito enfoque à mobilização social e à mudança de comportamento); fontes (quais são as fontes de informação que abasteceram a reportagem – oficiais ou investigação da equipe de reportagem).

Após catalogar todos os textos, será feita a quantificação através de gráficos produzidos no Excel, que permite melhor visualização e leitura dos dados em forma de porcentagem. Concluídas todas essas etapas realizar-se-á a análise e interpretação dos dados.



3 RESULTADOS ESPERADOS

A hipótese levantada por esta pesquisa é que as reportagens divulgadas pela imprensa local não estão sendo efetivas para mobilizar a população na luta contra a doença e fazer com a população tenha interesse de mudar suas atitudes em relação ao ambiente, meta número um das práticas de promoção da saúde.

Diante de um quadro tão preocupante em relação à dengue, é fundamental a construção de uma sólida ação da imprensa e dos setores de informação para responsabilizar a população pela epidemia.

É necessário investigar a lógica das estratégias de comunicação da imprensa local para combater a dengue, refletindo sobre a qualidade do material, o potencial informativo e de transformação social. Além disso, analisar os elementos das reportagens da imprensa, compreendendo o que pode ser melhorado para promover o conhecimento necessário para que a população se insira de maneira efetiva no controle da proliferação do mosquito transmissor da dengue, o *Aedes aegypti*.

4 CONCLUSÃO

Esse é um resultado parcial da pesquisa de campo. Isso porque, com base nesses dados, será realizado um comparativo entre a terceira e a quarta etapa das pesquisas sobre o uso consciente da água. Ou seja, a ideia é comparar os dados obtidos na pesquisa da Expoingá 2014 com o público adulto e os jovens já entrevistados. Com isso, tem-se como objetivo descobrir se os hábitos de consumo dos adultos estão mais ligados à economia e uso consciência da água do que os hábitos dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERO, L.C. da S. E LEMES, E. S. **A Influência das Estações do Ano no Consumo de Água em Maringá-Pr.** Revista Percurso - NEMO Maringá, v. 3, n. 1, p. 183-191, 2011.

CASSARO, Lorenzo; e CARREIRA, Manoel Francisco. **Estudo da degradação ambiental da Bacia de captação de água para abastecimento da cidade de Maringá-Rio Pirapó.** S.d. IN: **Sanare.**

Revista Técnica da Sanepar. Maringá. Disponível em:
<http://www.sanepar.com.br/sanepar/sanare/v16/MENU.htm>. Acesso em julho de 2011.

MARONI, João Rodrigo. **Consumo individual de água nas três maiores cidades do Paraná está acima do índice de 110 litros por dia recomendado pela ONU.** 31/08/2011– Gazeta do Povo. 2011.

PESQUISA NACIONAL DE SANEAMENTO Básico. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE.** Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2008.

INFO EXAME. **Banho passou de 10 minutos? É desperdício.** 06/02/2014